

ECOSSOCIOECONOMIA: ESTUDO SOBRE A VIABILIDADE DE IMPLANTAÇÃO DE UMA COOPERATIVA NA REGIÃO METROPOLITANA DO CARIRI

João Marcos Pereira Silva (URCA) m.joaop@hotmail.com
Jair Paulino de Sales (URCA) jaipsales@hotmail.com
Jackson de Sousa Silva (URCA) jacksonsssousa@hotmail.com

Resumo

A concepção moderna de cooperativismo surge como tentativa de dirimir os impactos negativos oriundos da Revolução Industrial. Entretanto, com a eclosão das ideais cooperativas e da economia solidária não foram considerados os problemas de ordem ambiental, tendo em vista que estes se manifestam como motivadores de pensamentos somente na segunda metade do século XX. Por conseguinte, a relação apenas entre as variáveis sociais e econômicas tornam-se incapaz de responder pelos efeitos nocivos do capitalismo, já que, além de mazelar a sociedade, este agride diretamente o meio ambiente. A pesquisa em questão é uma *survey* de caráter exploratório *cross-sectional* na qual objetiva-se obter dados relacionados à percepção da população sobre a importância da reutilização e reciclagem, bem como fazer um levantamento sobre o comportamento da mesma ao que tange a obtenção de produtos artesanais oriundos do reaproveitamento de materiais descartados. Destarte, diante da coleta de dados constatou-se que 47% dos entrevistados possuem grande interesse com os assuntos relacionados ao meio ambiente, 86% já adquiriram um produto feito com material reciclado/reutilizado e 33% estariam dispostos a pagar até 10% a mais por um produto do gênero, obtendo, por fim, um indicativo positivo para implantação de uma cooperativa de economia solidária com caráter sustentável na Região Metropolitana do Cariri.

Palavras-Chaves: Economia Solidária, Ecosocioeconomia, Cooperativismo.

1. Introdução

Compreende-se a Primeira Revolução Industrial (Séculos XVIII e XIX) como um período de consolidação do capitalismo industrial na Inglaterra (GOERCK, 2005), chegando a países como França, Alemanha e Itália após metade do século XIX. O avanço industrial levou inúmeros trabalhadores a optarem pelo êxodo rural na expectativa de encontrarem sucesso nas cidades, entretanto não havia emprego para todos, o que resultou em um número considerável de desempregados. Crises/depressões financeiras eram comuns na Europa devido aos conflitos frequentes entre países, e essa fragilidade econômica só mazelava, ainda mais, a situação dos já desempregados (LIMA; SALES; NUNES, 2013).

É nesse cenário socioeconômico que surge a concepção moderna de cooperativismo, como tentativa de dirimir, ou pelo menos reduzir, os impactos negativos oriundos da Revolução Industrial, uma resposta ao modo capitalista de produção, caracterizado pelo desemprego estrutural e precarização do trabalho (NASCIMENTO, 2004), ganhando forças a partir do início do século XIX, época na qual os trabalhadores e os excluídos do trabalho passaram a se organizar a fim da minimização de seus problemas. Logo, considera-se o cooperativismo como um instrumento de luta de determinados grupos sociais pelo “redesenho de padrões culturais”, principalmente aos relacionados às formas de produção e consumo vigentes (OLIVEIRA, 2003).

Oliveira (2003) assevera que as ideias e práticas que alicerçaram o cooperativismo foram provenientes de socialistas utópicos, como Proudhon, Buchez, Louis Blanc, Saint-Simon, Fourier e Robert Owen. Outro olhar sobre o cooperativismo nos permite visualizar os princípios fundamentais da cooperação, que para Borgadus (1964), Marx (1983) e Lenin (1980) compreende a possibilidade de eliminar as diferenças entre pessoas.

Esta doutrina pode ser caracterizada como um híbrido do *homo economicus* e do *homo social* (OLIVEIRA, 2003), na qual o primeiro refere-se a uma exigência da ciência, em que o comportamento humano fica sob a lógica econômica, utilitária, abstrata, isolada, invariável, universal e amoralizada (AVILA, 2010), e o segundo relata a motivação do homem pela necessidade de reconhecimento e de aprovação social (SÍMMONDS, 2012).

Baseados nos ideais socialistas de Robert Owen e motivados pelo cenário de desemprego e fome que a Europa se encontrava, operários e artesãos de Rochdale, formando um grupo de vinte e oito, fundaram uma sociedade, em 1844, cujo intuito primordial era a ajuda mútua. Posteriormente denominada de *Rochdale Society of Equitable Pioneers*, esta primeira cooperativa moderna reflete uma postura democrática antagônica ao crescente e desumano capitalismo da época. Inicialmente houve a fundamentação de um armazém cooperativo de consumo e a aplicação de determinados princípios, entre estes: livre adesão; controle democrático; taxa limitada de juros ao capital social; neutralidade religiosa; educação cooperativista; integração (KEIL; MONTEIRO, 1982; SINGER, 2002).

Stahl e Schneider (2013) definem “Cooperativas” como uma articulação, ou associação, de pessoas detentoras de “valores e princípios previamente consensuados”, possuindo como objetivo primário atenuar “as desigualdades sociais oriundas do acúmulo de riquezas” a partir da alteração na lógica da produção societal, na qual a produção deve ser “voltada para a produção de valores de uso e não de troca”. Singer (2008) classifica Economia Solidária como

um modo de produção caracterizado pela autogestão e igualdade de direitos e uso dos meios de produção. Desta forma, a origem de cooperativas alicerçadas pela ótica da economia solidária cria um paralelo com o modo de produção vigente, sendo uma forma de defesa da sociedade para com os efeitos negativos e letais da lógica capital.

Entretanto, com a eclosão das ideais cooperativas e da economia solidária não foram considerados os problemas de ordem ambiental, tendo em vista que estes surgiram como motivadores de pensamentos somente na segunda metade do século XX, juntamente com os estudos sobre a sociologia do meio ambiente (CATTON; DUNLAP, 1978), a ecologia política (GORZ, 1975) e a economia ecológica (GEORGESCU-ROEGEN, 1971).

A relação apenas entre as variáveis sociais e econômicas tornam-se incapaz de responder pelos efeitos nocivos do capitalismo, já que, além de mazelar a sociedade, agride diretamente o meio ambiente. A partir deste ponto fez-se necessária a criação do tripé sócio-econômico-ambiental, descrito por Sachs (2007) como ecossocioeconomia, um novo modelo de crescimento com as seguintes características: ambientalmente prudente e sustentável; socialmente responsável & equitativamente distribuído.

Doravante tais conceitos, o presente trabalho objetiva estudar a viabilidade da implantação de uma cooperativa alicerçada nos conceitos da economia solidária e da ecossocioeconomia na Região Metropolitana do Cariri (RMC), sul do Ceará.

2. Microcrédito, políticas públicas e economia solidária

Singer (2008) afirma que o maior desafio para a economia solidária é deixar de ser “miserável” e poder se tornar próspera, enfatizando, contudo, que atualmente no Brasil existe um trabalho tripartite, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES, Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES, e as grandes federações de cooperativas, a fim do desenvolvimento de um sistema de financiamento para as empresas solidárias. Para Santos (2013), o estabelecimento de políticas em prol da economia solidária é, paralelamente, reconhecer novos sujeitos sociais dotados do direito de exercer sua cidadania, considerando novas formas de produção e o acesso aos recursos públicos.

Diante desta perspectiva, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF surge no país com a visão de promover investimentos baseados em compromissos negociados a fim de possibilitar:

- a) A implantação, ampliação, modernização, racionalização e realocação de infraestrutura necessária ao fortalecimento da agricultura familiar;

- b) A ampliação e cobertura de serviços de apoio, a exemplo da pesquisa agropecuária e da assistência técnica e extensão rural (ABRAMOVAY; VEIGA, 1998). É notório ressaltar, desta forma, que esse microcrédito é público, funciona, e uma das aspirações do movimento de economia solidária é estendê-lo às cidades: fazer um Pronaf urbano (SINGER, 2008).

É notório ressaltar, desta forma, que este microcrédito é público, funciona, e uma das aspirações do movimento de economia solidária é estendê-lo às cidades: criar um Pronaf urbano (SINGER, 2008).

Contudo, o apoio de outros programas, a economia solidária se apresenta em constante desenvolvimento e ampliação. Além do PRONAF e suas linhas de financiamento, o modelo socioeconômico conta com o apoio do Fundo Nacional de Assistência Social – FNAS e o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA (SANTOS, 2013). O DECRETO Nº 8.163, de 20 de dezembro de 2013, ainda institui o Programa Nacional de Apoio ao Associativismo e ao Cooperativismo Social - Pronacoop Social com a finalidade de planejar, coordenar, executar e monitorar as ações voltadas ao desenvolvimento das cooperativas sociais e dos empreendimentos econômicos solidários sociais.

3. As universidades e as incubadoras de cooperativas populares

As incubadoras surgem no Brasil como projetos de extensão universitária (SINGER, 2008) e algumas se tornam frutos de um debate coletivo a respeito da importância da universidade assumir seu papel na sociedade, especificamente de contribuir para o enfrentamento do problema do desemprego e do trabalho precário, através dos princípios do associativismo e do cooperativismo ligados a economia solidária com vistas à sustentabilidade local e regional (PEYERL; ROCHA FILHO; CUNHA, 2009).

Destarte, a Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares – Rede ITCPs, baseando-se na proposta do cooperativismo popular e nos princípios da economia solidária, surge em 1999 com a finalidade de compartilhar o conhecimento acadêmico com cooperativas populares, colaborando, para a concepção e solidificação de iniciativas econômicas autogestionárias, viáveis economicamente e conduzidas solidariamente (LOPES; CANÇADO, 2014).

Singer (2003) explica que as cooperativas populares colocam a serviço da luta contra a exclusão e a pobreza os recursos humanos e científicos de nossas universidades, com resultados apreciáveis, embora limitados pela escassez de recursos. Tais programas visam em

suas atividades abrigar experiências associativas de geração de trabalho e renda dentro dos princípios e valores de economia solidária, além de promover ações relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão, desenvolvendo a formação humana e profissional de estudantes de graduação, pós-graduação, egressos e voluntários, no diálogo entre universidade e comunidade (PEYERL; ROCHA FILHO; CUNHA, 2009).

Posto isto, o Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares – PRONINC, lançado inicialmente pela Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP, então é desenvolvido a fim de oferecer subsídios para o desenvolvimento de atividades, como o apoio à formação e desenvolvimento de cooperativas e associações, e para a realização de pesquisas que visam contribuir para a consolidação de metodologias de incubação (OLIVEIRA, 2007 apud CALBINO, 2010).

França Filho e Cunha (2009) realçam, por fim, que a incubação tecnológica de empreendimentos de economia solidária constitui uma das maiores inovações introduzida no âmbito da extensão universitária brasileira nos últimos anos.

Já na Região Metropolitana do Cariri, a Universidade Federal do Cariri (UFCA) possui dois programas de extensão embasados no apoio e desenvolvimento de empreendimentos de populares e solidários: a Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Populares e Solidários (ITEPS) e o Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS).

O ITEPS tem como objetivo o desenvolvimento de ações estratégicas e integradas que orientem a inserção de empreendimentos produtivos populares e solidários com ênfase no fortalecimento de redes locais de economia solidária alicerçando-se na ótica do desenvolvimento sustentável. Esta atua através da execução de três fases: pré-incubação, incubação e desincubação (ITEPS, 2015).

- a) Pré-incubação - momento de aproximação entre a incubadora e o empreendimento a ser incubado;
- b) Incubação - onde ocorrem as ações de formação e acompanhamento do grupo;
- c) Desincubação - período onde a incubadora encerra as suas ações de assessoria e o grupo incubado passa a se organizar de forma autônoma.

O LIEGS possui atuação voltada à difusão dos conhecimentos teóricos e práticos de gestão social apoiando a formação de um público envolvido na gestão social, na economia solidária, no cooperativismo e no desenvolvimento territorial (UFCA, 2015).

Ambas as iniciativas supracitadas servem de aporte à criação e implantação de uma cooperativa de economia solidária com caráter sustentável na Região Metropolitana do Cariri.

4. Materiais e método

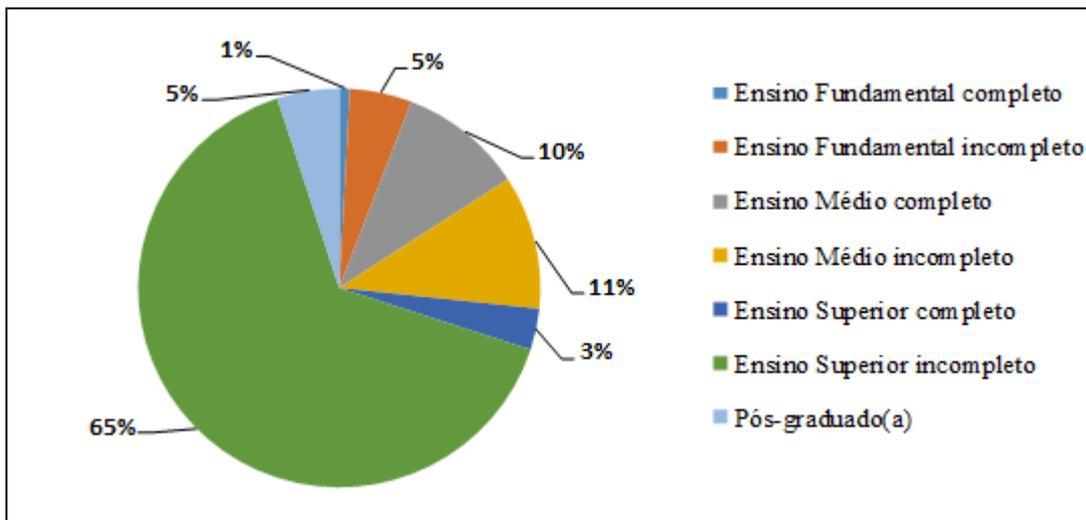
A técnica *Survey* é comumente utilizada quando, na pesquisa, há a interrogação direta de pessoas, ou grupos de pessoas, cujo comportamento se almeja entender/conhecer. Uma *survey* busca compreender ideias, sentimentos, saúde, planos, situação financeira e educacional, podendo ser realizada através da aplicação de questionários diretos (pessoais face-a-face ou por telefone) ou auto-administrados (enviados por correio ou internet) (FINK; KOSECOFF, 1998; FREITAS, H., *et al*, 2000; TURRIONI; MELLO, 2012). Para o levantamento dos conceitos realizou-se uma pesquisa bibliográfica.

A pesquisa em questão é uma *survey* de caráter exploratório *cross-sectional* (FREITAS *et al*, 2000; MELLO, 2012), na qual objetiva-se obter dados relacionados à percepção da população sobre a importância da reutilização e reciclagem, bem como fazer um levantamento sobre o comportamento da mesma em relação à obtenção de produtos artesanais oriundos do reaproveitamento de materiais descartados. O questionário foi aplicado em uma amostra de 120 habitantes, entre 16 e 69 anos de ambos os sexos (54 do sexo feminino e 66 do sexo masculino), da população da Região Metropolitana do Cariri entre os dias 29 de maio de 2015 e 09 de junho do mesmo ano. O método utilizado para aplicação do questionário foi o auto-administrado por internet.

5. Resultados e discussão

O número elevado de entrevistados que afirmaram estar cursando ou já terem cursado nível superior explica-se pelo fato de que o questionário foi aplicado pela internet. A média de idade é de 22,92 (desvio padrão de 8,16), outro reflexo do número elevado de estudantes de nível superior entrevistados.

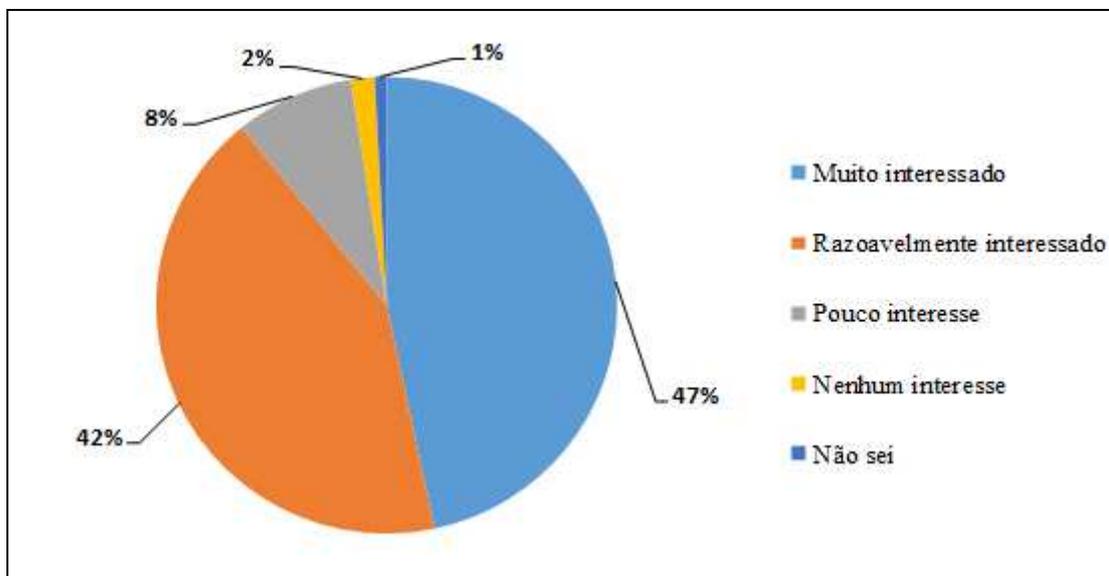
Figura 01 - Nível de escolaridade dos entrevistados.



Fonte: Autoria própria

Dentre os entrevistados, 47% responderam possuir muito interesse com os temas relacionados ao meio ambiente, deste, 78% declararam possuir ensino superior em andamento ou concluído, e apenas 10% afirmaram não possuir nenhum ou pouco interesse, dos quais 58% declararam possuir ensino superior em andamento ou concluído.

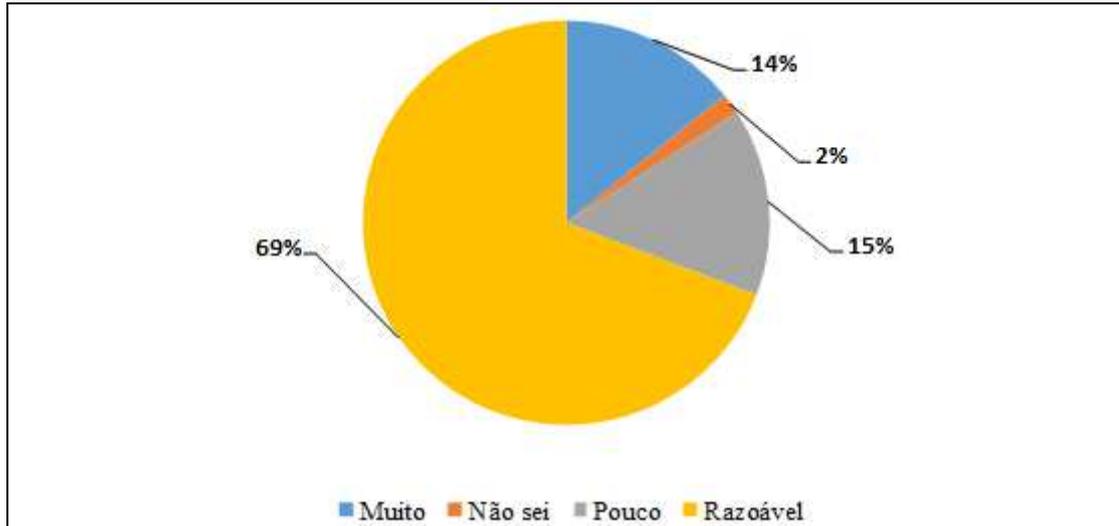
Figura 02 - Interesse pelos assuntos relacionados com o Meio Ambiente.



Fonte: Autoria própria

89% dos entrevistados afirmaram possuir muito ou razoável conhecimento sobre sustentabilidade, dos quais 65% declararam possuir ensino superior em andamento ou concluído.

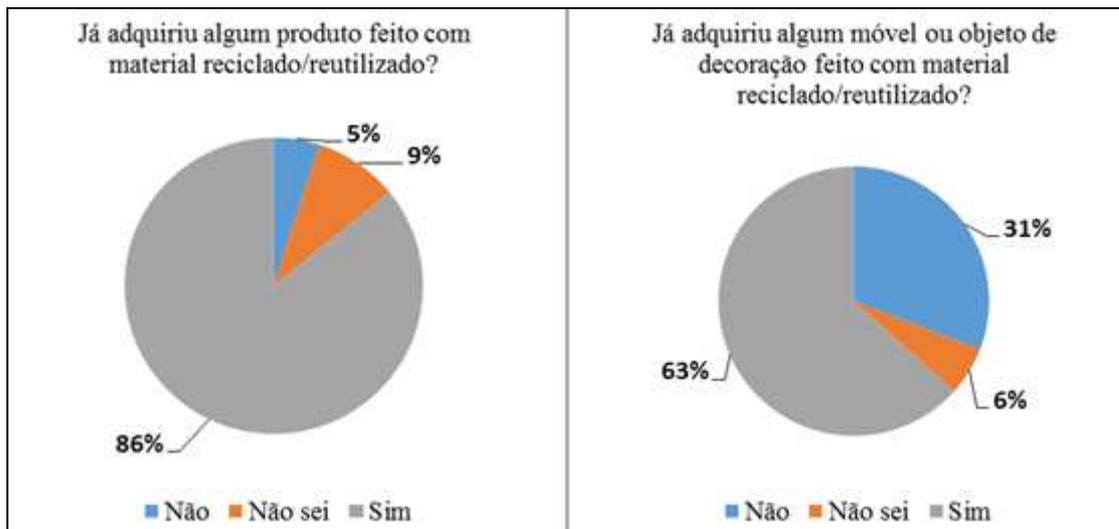
Figura 03 – Grau de conhecimento dos entrevistados sobre Sustentabilidade.



Fonte: Autoria própria

A figura 04 mostra a quantidade de entrevistados que já adquiriram algum material, móvel ou objeto de decoração feito com material reciclado.

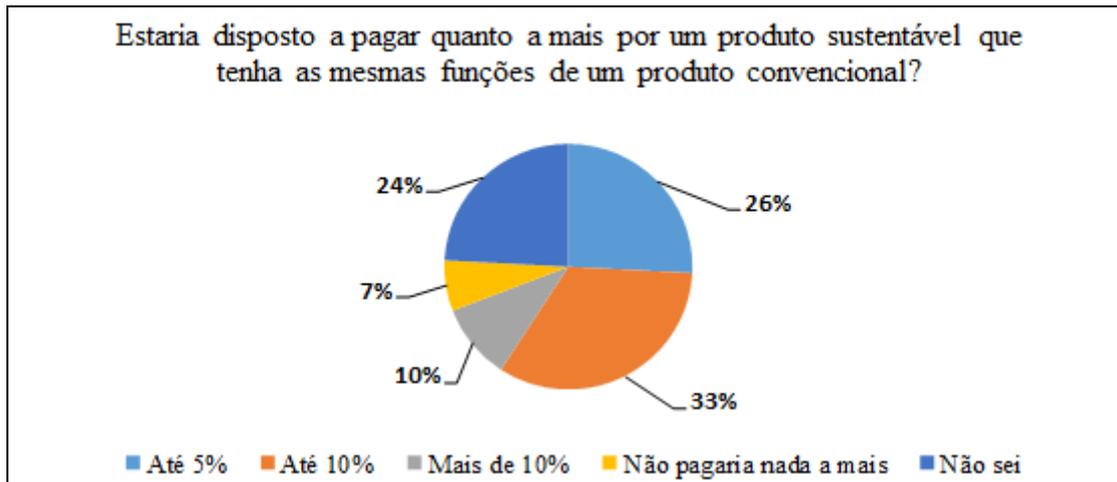
Figura 04 – Levantamento sobre aquisição de produtos reciclados.



Fonte: Autoria própria

Em uma escala de 01 a 05, na qual 01 refere-se à compra de um “produto mais barato” e 05 à de um “mais sustentável”, a média das respostas é 3,24 (desvio padrão de 1,14). Em relação ao acréscimo no valor do produto para que o mesmo tenha características sustentáveis, apenas 07% responderam que não pagariam nada a mais.

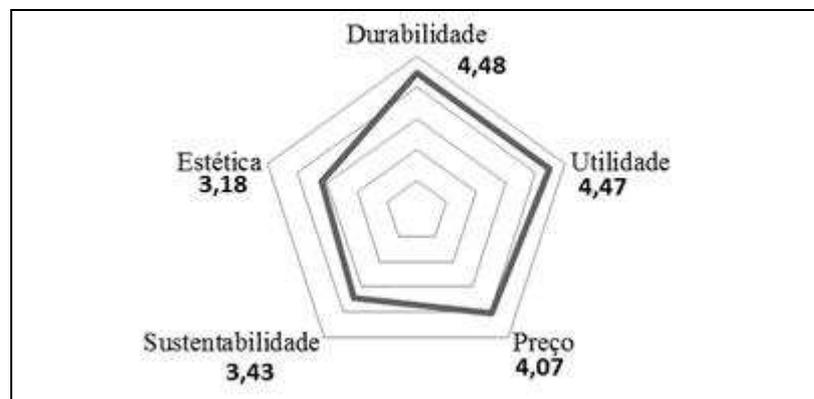
Figura 05 - Diferença disposta a ser paga pelo consumidor.



Fonte: Autoria própria

Em relação aos atributos dos produtos mais importantes para os clientes, a Durabilidade e a Utilidade mostram-se como mais relevantes, tendo obtido médias muito aproximadas e possuindo, ambos, suas amostras como homogêneas. O atributo sustentabilidade obteve média inferior a três dos cinco analisados, e sua amostra foi heterogênea.

Figura 06 – Valor médio dos atributos considerados na compra de novos produtos.



Fonte: Autoria própria

Tabela 01 – Análise dos atributos considerados na compra de novos produtos.

| Atributo | Média | Desvio Padrão | Coefficiente de Variação (%) | Amostra* |
|---------------------|-------|---------------|------------------------------|-------------|
| Durabilidade | 4,48 | 0,89 | 19,82 | Homogênea |
| Utilidade | 4,47 | 0,86 | 19,24 | Homogênea |
| Preço | 4,07 | 1,08 | 36,66 | Heterogênea |

| | | | | |
|-------------------------|-------------|-------------|--------------|--------------------|
| Sustentabilidade | 3,43 | 1,20 | 34,85 | Heterogênea |
| Estética | 3,18 | 1,17 | 26,62 | Heterogênea |

* A amostra caracteriza-se como homogênea quando o Coeficiente de Variação < 20%.

Fonte: Autoria própria

6. Considerações finais

As cooperativas de economia solidária são capazes de gerar trabalho e renda tornando-se uma alternativa viável na luta contra a exclusão e a pobreza geradas pelo sistema capitalista. Sua utilização associada aos conceitos de sustentabilidade amplificam consideravelmente seus benefícios para sociedade, pois agrega a estas formas de amenizar os efeitos nocivos do sistema supracitado ao meio ambiente, incorporando o conceito de ecossocioeconomia à comunidade.

Após o levantamento e análise dos dados quantitativos através da técnica *survey* podemos destacar alguns destes: 47% dos entrevistados possuem grande interesse com os assuntos relacionados ao meio ambiente, 86% já adquiriram um produto feito com material reciclado/reutilizado e 33% estariam dispostos a pagar até 10% a mais por um produto do gênero. Tais números servem como indicativo positivo para possível implantação de uma cooperativa de economia solidária com caráter sustentável na Região Metropolitana do Cariri.

Em meio aos benefícios que as cooperativas podem prover a sociedade é de grande importância a criação de entidades públicas, bem como o fortalecimento das já existentes, que auxiliem e incentivem o desenvolvimento dessas instituições. As universidades auxiliam para o encorajamento e desenvolvimento de tais cooperativas através dos programas de incubadoras, trazendo, além dos ganhos para sociedade, proveitos para a formação humana e profissional dos estudantes.

Como proposta de trabalhos futuros, instiga-se o desenvolvimento de estudos relacionados à viabilidade e conscientização da utilização do sistema de coleta seletiva na Região Metropolitana do Cariri.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R.; VEIGA, J. E. **Novas Instituições para o Desenvolvimento Rural: o caso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)**. IPEA: Brasília, 1999.

AVILA, R. I. **Do homem smithiano ao *homo economicus*: egoísmo e dissolução da moral**. Dissertação (Mestrado em Economia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós Graduação e Economia, Porto Alegre, 2010.

BORGADUS, Emory S. **Princípios da cooperação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Lidor, 1964. p. 91.

- CATTON, W. R. & DUNLAP, R. Environmental Sociology: A New Paradigm. **The American Sociologist**, v. 13, p. 41-49, 1978.
- FINK, A.; KOSECOFF, J. **How to conduct surveys – a step-by-step guide**. 2a. Ed., Thousand Oaks, California: Sage Publications, 1998
- FRANÇA FILHO, G. C.; CUNHA, E. V. Solidária: lições e aprendizados a partir da experiência do projeto Eco-Luzia e da metodologia da ITES/UFBA. **O&S**, v.16, n.51, p. 725-747, 2009.
- FREITAS, H., *et al.* O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**, v.35, n.3, p.105-112, julho/setembro, 2000.
- GAIGER, L. I. A outra racionalidade da economia solidária. Conclusões do primeiro Mapeamento Nacional no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 79, 2007, p. 57-77.
- GEORGESCU-ROEGEN, N. **The Entropy Law and the Economic Process**. Harvard University Press, Harvard, 1971.
- GOERCK, C. **Precursos do cooperativismo. II Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais no Brasil**. UNIOESTE, Cascavel, 2005.
- GORZ, A. **Écologie et politique**, Galilé, 1975.
- GUARESCHI, P. A.; VERONESE, M. V.. Porque trabalhar com economia solidária na Psicologia Social. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 1, pp. 94-101, jan./mar. 2009.
- ITEPS. **Quem Somos**. Disponível em <<http://iteps.ufca.edu.br/>>. Acesso em 14 de janeiro de 2015.
- KEIL, I. M.; MONTEIRO, S. T.. **Os pioneiros de Rochdale e as distorções do cooperativismo na América Latina**. São Leopoldo - RS, 1982.
- LENIN, V. I. **Sobre a cooperação**, In: Obras escolhidas. Ed. Alfa-Omega.1980, pp.657-662.
- LIMA, A. F. O.; SALES, J. P.; NUNES, A. M. L. **Tecnologia Social: Experiências de economia solidária no Cariri cearense**. VIII Simpósio Nordeste de Engenharia de Produção, Juazeiro do Norte – CE, 2013.
- LOPES, M. M. P.; CANÇADO, A.C. Rede social: um estudo de caso da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (Rede de ITCPS) a partir da interação entre as incubadoras. **Rev. Des. Regional**, v. 19, nº 2, p. 138-165, 2014.
- MARX, Karl. **Cooperação**. In: O Capital. V. I, São Paulo: Ed. Abril Cultural. 1983, pp. 257-266.
- NASCIMENTO, C. **A autogestão e o “novo cooperativismo”**. Ministério do Trabalho e Emprego, Secretaria Nacional de Economia Solidária, Brasília, 2004.
- OLIVEIRA, B. A. M. de. Economia solidária e cooperativismo popular: da gênese aos desafios atuais. **Revista Proposta**, Rio de Janeiro, p. 59 - 69, 20 jun. 2003.
- OLIVEIRA, M. C. S. B.; ZANIN, M. Economia solidária: uma temática em evolução nas dissertações e teses brasileiras. **Rev. Bras. de Ciência, Tecnologia e Sociedade**, v.2, n.1, p.181-193, jan/jun 2011.
- PEYERL, D.; ROCHA FILHO, A. N.; CUNHA, L. A. G. **O papel do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares – Proninc na consolidação da incubadora de empreendimentos solidários – IESOL/UEPG**. 7º CONEX, 2009.
- SACHS, Ignacy. **Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SANTOS, J. B. Políticas Públicas de Economia Solidária: uma análise da experiência em Vitória da Conquista, Bahia. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 09, n. 13, p. 135-153, 2013.
- SCHEEFFER, F.. Em Tese, Florianópolis, v. 10, n. 1, jan./jun., 2013.
- SÍMMONDS, E. G. de S. **Fatores determinantes da qualidade de vida no trabalho de motoristas de transporte de cargas em trânsito pela região de barra do Garças/MT**. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração), Faculdades Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo, 2012.
- SINGER, P. Economia solidária, entrevista com Paul Singer. **Estudos avançados**, v. 22, n. 62, p. 289-314, 2008.
- SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- STAHL, R. L.; SCHNEIDER, J. O. As interfaces entre cooperativismo e economia solidária. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 49, N. 2, p. 197-206, mai/ago 2013.

TURRIONI, J. B.; MELLO, C. H. P. **Metodologia de pesquisa em engenharia de produção: estratégias, métodos e técnicas para condução de pesquisas quantitativas e qualitativas**. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Itajubá, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFCA. **Laboratório Interdisciplinar de Estudos em Gestão Social (LIEGS)**. Disponível em: <<http://www.ufca.edu.br/portal/noticias/item/1871-laborat%C3%B3rio-interdisciplinar-de-estudos-em-gest%C3%A3o-social-liegs>>. Acesso em 14 de janeiro de 2015.